

QUE COR É ESSA?

Celeste Carneiro¹

Resumo

Este artigo relata o trabalho realizado para melhorar o comportamento de uma criança, investigando o efeito que causa no imaginário infantil a diversidade racial, assim como a diferença de idade entre os seus pais e ela, tornando-a inquieta e inconveniente.

Palavras-chave: arteterapia; criatividade; cores; raças; neurociência

Introdução

No período de férias escolares durante o verão, quando um número grande de turistas chega a Salvador, na Bahia, uma senhora que reside na Alemanha me procura. É baiana, negra, casada com um alemão, mais velho que ela 30 anos, com quem teve três filhos. O mais velho, de 4 anos de idade, frequenta a escola de alfabetização, é um tanto inquieto e apresenta alguma dificuldade psicomotora, motivo pelo qual a levou a me procurar para uma ajuda terapêutica.

Foi-lhe recomendado o curso *Criatividade e Cérebro* (CARNEIRO, 2004) com a possibilidade de receber atendimento arteterapêutico de forma individual, durante o período que passaria de férias na Bahia.

Na primeira entrevista, a todo instante ele perguntava: *Que cor é essa? Quantos anos você tem?* A mãe informa que quando ele conhece alguém, sempre pergunta a idade, o que a deixa constrangida, e a toda hora quer saber sobre as cores.

Combinamos que ele viria duas vezes por semana, durante o período que eles permanecessem em Salvador.

O começo da história...

De início apresenta-se um pouco agitado e muito curioso com todos os recursos disponíveis no meu Espaço Terapêutico. De imediato pega um pincel largo (trincha) e diz que quer pintar! Usando tinta guache, pinta livremente e fala as cores. Logo em seguida, desmonta o mandala árabe feito de peças de madeira e começa a montar a representação da sua casa na Alemanha. A mãe, presente neste primeiro dia, confirma que ele representou acertadamente.

No segundo encontro, chega ansioso para pintar, sem interesse maior pelos brinquedos disponíveis, como o *Mané-gostoso* que o absorveu por um pouco de tempo.

Ele pinta e pergunta: *Que cor é essa?* Embora saiba das cores primárias e secundárias, percebo uma necessidade muito grande de misturar cores e saber identificá-las.

¹Presidente da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART asbart.ba@gmail.com; Arteterapeuta, Transpessoal; Professora da Pós-graduação - Instituto Junguiano da Bahia – IJBA, www.ijba.com.br; Artista Plástica. www.artezen.org – cel5@terra.com.br



Encerrando este encontro fiz um rápido exercício de respiração com Ginástica Cerebral (CARNEIRO, 2004) para aquietá-lo.

No terceiro encontro coloco o *Mandala da Terra* (CARNEIRO, 2010, p. 150) para ele experimentar o contato com a terra, o que faz com muito gosto; enfia as mãos, esconde conchas, passa areia para outra vasilha e se acalmando enquanto faz isso, entrando na caixa e se lembrando do passeio que fez para Morro São Paulo – BA. Nesta atividade, ele fala mais de sua vida na Alemanha.

Pergunta sobre minha mãe, como ela é, de que cor; qual a minha idade e qual a minha cor.

Agita-se quando pinta: após o branco cobre tudo com vermelho e depois com o azul, formando uma cor escura. A cada cor pergunta: *Que cor é essa?*

No final desta atividade lhe acalmo com o *Pau de Chuva*. Ele me ajuda na limpeza e quer lavar os pinceis. Coloco uma escada que ele vai subindo e perguntando: Quantos anos eu tenho? E eu vou dizendo: 4... 7... 11...25... vamos juntos idealizando o que estará fazendo nessas idades, um momento que o faz muito feliz e animado.

Foi criado um vínculo afetivo muito bom, que inspira confiança e cumplicidade.

A partir desse dia percebi que havia nele uma inquietação muito grande provocada pela questão das diferenças de cor e de idade entre sua mãe e seu pai. Na verdade, a cor que ele buscava representar era a cor da sua mãe, inicialmente, e depois a cor do seu pai, para enfim encontrar a sua própria cor.

Quando procurava saber sobre a cor da sua mãe, ela respondia que era preta. E o seu pai, branco. Não conseguia identificar a sua própria cor na mistura destas duas cores.

Nos encontros seguintes passei a focar na questão de raças e idades, suas diferenças e belezas, de que todos nós temos um pouco de cada cor, que não existe uma raça 100% pura, e de que todas as idades têm suas características próprias e importância para o desenvolvimento do ser.

Assim fizemos uma colagem com pessoas de várias cores, que escolhíamos em revistas, sempre a lhe perguntar enquanto folheávamos: *que cor é essa?* Encontramos numa mesma página pessoas de várias raças. Nesta atividade foi tocado um núcleo de dor, um complexo de emoções que o tornou agressivo. Ele pica com força uma loura, tipo alemã, e uma senhora negra. Deixa intacto um senhor idoso e branco e uma jovem morena. Cola as figuras na cartolina. Sugiro que complemente pintando com giz de cera e se mostra bastante agressivo, mas se acalma a seguir com a atividade de arrumar o espaço e subir na escada avançando em sua idade a cada degrau que sobe...

A cada instante, a pergunta que lhe martela a mente: Qual a minha cor? Qual a minha idade? Meu pai é velho?

Passamos a criar cores no godê. Ele coloca preto e mistura com branco e, confirmando minhas suposições, diz: *Aqui sou eu me formando na barriga da minha mãe... Amo muito minha mãe!*

Falamos sobre a diversidade de raças no Brasil, a grande mistura de cores... Mostro um tabuleiro com círculos coloridos para exercícios de fração e digo que tudo são círculos, mas com quantidade de fatias e cores diferentes.

Esse atendimento foi finalizado com um exercício de psicomotricidade que mexe os dedos das mãos.

Neste ponto, convido a mãe para lhe fazer ciente das minhas percepções e o que vem sendo realizado. Ela se emociona e informa que seu filho estudará este ano numa Escola Internacional entre colegas de vários países. Afirma que seu filho é muito especial, inteligente, amadurecido, que viajam muito por vários países desde os dois meses de vida, que ele fala três idiomas e é muito querido por todos. Ela assina o Termo de Consentimento para que eu narre este caso para fins acadêmicos e dou prosseguimento aos atendimentos .

De acordo com Florence de Mèredieu (2000, p.22) nesta idade *a criança desenha do objeto não aquilo que vê, mas aquilo que sabe, misturando diversos pontos de vista. Vive no momento presente, e encontra uma intensa satisfação na manipulação das cores e pigmentos que imprime no papel. Só o prazer do gesto é que conta, o traço ativo que se desenvolve e vive sua própria vida.*

Percebi que nesta criança o interesse maior era com a pintura, mais do que isto, era uma cor específica que ele procurava – a cor da sua mãe e, como consequência a sua própria cor!

Continuando...

No atendimento seguinte, fizemos mistura de cores num copo plástico transparente, observando as tintas escorrerem para formar nova cor.



Para diversificar, trabalhamos com a *Linha do Tempo* baseada em Maria Montessori. Figuras de pessoas, que variavam de zero aos 100 anos de idade, lhe foram entregues para colar assim como massinhas em forma de bola que iam variando de tamanho de acordo com os anos de vida das figuras.

Eu lhe ajudava na colagem e ao mesmo tempo falávamos sobre o que se costuma fazer em cada idade, assim como sobre as diferenças das frutas daqui e da Alemanha.

Concluimos o trabalho no encontro seguinte. Encontrei em revistas fotos de uma família cujo pai era negro, a mãe morena e a filha morena com os cabelos crespos; outra família com o pai branco, a mãe negra e a filha morena com cabelos crespos. Também encontrei duas figuras de crianças parecidas com suas irmãs mais novas. À medida que as figuras estavam sendo coladas, chamava a atenção dele sobre filhos de pai ou mãe de cor clara com pai ou mãe de cor escura, que quase sempre nascem morenos. Moreno é o nome da cor de quem tem pais ou parentes de cor clara misturada com escura, como é o caso dele. Fizemos uma mistura de cores usando vermelho, verde e preto para conseguir a cor de sua mãe. Ele pinta com glíter azul-claro e passa a brincar com massinha de modelar, fazendo “frutas”.



No encontro seguinte trabalhamos com mistura de cores numa caixa com tampa: ele coloca uma cor, tampa e movimentada a caixa para a tinta escorrer. Quando colocava outras cores, novas tonalidades iam se formando, a princípio cores claras, tons quentes, mas depois misturou tudo com a mão, de forma homogênea, o que resultou numa cor cinza esverdeado.



Os bonecos de massinha

O passo seguinte foi ensiná-lo a fazer bonecos de massinha de modelar com ajuda de palitos. Mostro o livro *O Dia a dia de Dadá*, que o deixa empolgado.

Antes de sair pergunta se irá pintar a caixa por fora, digo que sim. Vai lavar os pincéis, sobe na escada, pergunta “quantos anos eu tenho?” enquanto sobe os degraus, até subir na pia e ficar com 100 anos! Nessa altura já não pergunta com tanta frequência: *que cor é essa e quantos anos você tem.*

Prosseguimos no próximo encontro com o trabalho de pintar a caixa, de transformar as cores em um tom escuro.

Utilizo papel celofane nas cores sépia, verde, vermelho e amarelo e coloco na frente dos seus olhos, perguntando: *De que cor vejo o mundo?...* Ele adora esta atividade!

A seguir, ele com massinhas, cola no lugar das ilustrações do livro *O Dia a dia de Dadá*, depois mistura várias cores de massinhas e me pergunta: *Que cor é essa?* Respondo: *É tudo misturado...* Volta a perguntar: *Que cor é você?* Respondo que sou branca e devolvo com a pergunta: *Que cor é você?* E ele responde: *Sou misturado!* Aproveito e digo que no Brasil, em especial, todo mundo é misturado, morenos de tonalidades variadas, e mostro a foto da minha família com pessoas morenas, louras e de raça amarela.

Pintando o sete

Continuamos no próximo encontro a misturar tintas no godê. Quando faz o cinza diz que é ele na barriga da mãe. Pinta a caixa e não quer colar nada, deixa só as cores acrescentando tintas metálicas dourada e turquesa.

Pergunta outra vez sobre a minha cor, respondo que sou branca e lhe pergunto: *Que cor é você?* E ele responde: *Sou misturado...* Volta a pegar os recortes coloridos de

papel celofane, coloca na frente dos seus olhos e pergunta: *De que cor vejo o mundo?*... Abraça-me com carinho e ajuda a limpar os pincéis.

Retorna e mistura tintas com mais tranquilidade. É importante para ele também identificar a cor que fica na vasilha em que se limpa os pincéis. Quando formou um marrom mais claro perguntou: *Que cor é essa?* Eu retorno a mesma pergunta e ele responde com muita alegria que é a cor da irmã.



5

No encontro seguinte o rapaz que lhe traz me contou que ele chorou bastante ao ser informado que não viria pro atendimento e sim para o Clube. Era uma brincadeira, só para ver sua reação...

Ao entrar na sala logo pergunta pelas tintas. De propósito deixei no armário para ver se haveria interesse por outra atividade. Comunica que sua mãe comprou para ele tintas semelhantes as que uso.

Ele pede para que eu misture as tintas que ele vai dizendo. Explico que branco não é a cor da pele e sim um tipo de raça humana, assim como o negro. Pego alguns bonecos pequenos e faço as cores da sua mãe, do seu pai e a dele, com a orientação dele também. Para o seu pai misturo branco, um pouquinho de vermelho e de marrom (a cor da mãe) e digo que todo mundo é misturado. Ele pede que eu coloque um pouquinho de lilás. Ao terminar de pintar os três bonequinhos ele diz que a mãe pintou o cabelo de azul (para o Carnaval) e resolve pintá-la toda de azul (o sangue azul...), como se não houvesse uma aceitação plena da sua cor. Deseja pintar bonecos que representam suas irmãs. Em seguida pega uma tesoura e diz que vai cortar a cabeça da irmã para que não fale mais, assim como a região genital. Mas abandona a tesoura e vai pegar balas de mel (louro como os cabelos do pai) e *nego-bom* (negro como a cor da mãe). Vale contar que em todos os encontros ele comia avidamente nego-bom, que é um doce de banana de cor preta, coberto com açúcar, assim como chupava balas de mel.

Voltamos a pintar os bonequinhos no outro dia. Pinta o cabelo do boneco que lhe representa e pede que o filme. Ele me filma misturando cores. Vai dizendo as cores e eu canto uma música de suspense para dizer que cor ficou e ele se delicia com isso.



Pega uma bola de isopor e pinta com a mistura que me pediu para fazer de branco com amarelo. Pergunto: Parece com o quê?... e ele responde: com maracujá! Falamos sobre o efeito do suco do maracujá e ele diz que toma e “morre” (dorme).

Contamos os pincéis e ele acerta as somas.

Nesse encontro conseguimos diversificar o tema. Ele já havia encontrado a sua cor, assim como a da sua mãe e a do seu pai.

Vai pra casa com muitas balas de mel.

A mãe me comunica que ele melhorou muito a coordenação motora, não fica mais perguntando sobre a idade das pessoas; ainda pergunta *que cor é essa* para as pessoas recém-conhecidas. Diz também que ele gostou muito de mim e me agradece bastante pelo trabalho que venho realizando com ele.

No atendimento que se segue peço que escolha o papel cartão entre amarelo e preto, para pintar a dedo com a tinta própria para essa atividade. Ele escolhe amarelo.

Primeiro ele pinta de verde, depois vermelho e mistura. Pergunta: *Que cor é essa?* E ele mesmo responde: *A cor da minha mãe!* Pede que coloque na vasilha as cores azul, depois amarelo, branco, preto, vermelho com azul e se encanta pintando com suas mãos. Ficou empolgado com a filmagem que fiz para ele levar de lembrança, juntamente com as fotos.

Fizemos a limpeza do material e de suas mãos e lhe dei a caixa que ele pintou. Dentro, forrei com os papeis celofane que usamos, papel nacarado, multicolor muito lindo, os bonequinhos representando ele com seus pais, balas de mel e *nego-bom*, simbolizando a união entre as raças.



Ele pede um nego-bom e solicita que seja filmado enquanto come... o que faz com toda educação e silêncio, pacificado com as questões de cores, raças e idade. É como se, numa linguagem que lembra Melanie Klein, (GEETS, 1977) retornasse no seu imaginário a se nutrir do seio bom da sua mãe. Aquietado e feliz. Despede-se dizendo que vem amanhã, mas na verdade no dia seguinte estaria de volta para a Alemanha.

Considerações finais

No final de suas férias, ele se apresentava mais tranquilo e consciente da sua cor, assim como das cores das diversas raças; a coordenação motora melhorou e compreendeu as variadas aparências que as pessoas têm com o passar dos anos e as possibilidades de realização em cada fase. Perguntava menos sobre as cores e sobre as idades das pessoas.

Esse atendimento permitiu afirmar que o efeito da Arteterapia é significativo para o bem-estar do indivíduo, facilita sua inserção no meio em que se encontra e proporciona mudanças expressivas no interior da pessoa.

Paralelamente, verificamos que as informações armazenadas na memória da criança – o conflito existencial para de querer saber quem era, devido às diferenças de cores e idade, presentes em sua família, especificamente o pai e a mãe, são modificadas, a partir das técnicas de Arteterapia, que possibilitam a aquisição de novas informações que beneficiam a mente da criança mencionada.

Assim, ressaltamos o papel do arteterapeuta, como um profissional reconhecido, com capacidade para contribuir na solução de diferentes dificuldades de diversas ordens

e áreas, integrando por enquanto, as Terapias Complementares, e ensejando possibilidades para outras pesquisas e estudos sobre o tema a partir de diversificados aspectos.

Referências Bibliográficas

CARNEIRO, C. *Criatividade e Cérebro – Um Jeito de Fazer ArteZen*. 2ª Impressão. Salvador: Editora Ponto e Vírgula, 2004.

_____. *Arte, Neurociência e Transcendência*. Rio de Janeiro: WAK Editora, 2010.

GEETS, C. *Melanie Klein*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

MÈREDIEU, F. *O Desenho Infantil*. 7ª Edição. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

XAVIER, M. *O Dia-a-dia de Dadá*. Coleção Conte outra vez. Belo Horizonte: Formato Editorial, 1987.

7

